

ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 267 do 6.º Ano—N.º 17

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 6 de Janeiro de 1916

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

O que pensa a Camara?

Vergonha seria, e extraordinária, se as resoluções de hoje tivessem de inutilizar as obrigações da véspera, sobre tudo as mais sagradas, as que envolvem o espirito das tradições duma terra que tem um nome na História e que do seu passado conserva ainda os documentos venerandos.

Fala-se, contam as gazetas, para aqui, que vai construir-se um novo edificio dos Paços do Concelho em Guimarães. Se esse edificio me parece ou não necessário, não é esta a ocasião para discuti-lo, nem mesmo da inserção do meu modo de ver, creio, viria, perante as resoluções porventura tomadas, espécie alguma de proveito ás coisas da politica e da sociedade na minha terra natal. Tam pouco direi os dinheiros a empregar no novo edificio municipal seriam melhor utilizados nos trabalhos de destruição ou, pelo menos, de higienização de alguns vergonhosos bairros da cidade. Nem tratarei mesmo de discutir, visto que se levanta um novo edificio, se os mais belos monumentos de Guimarães estão ou não em ruínas, e se precisam ou não de que alguém, com critério e patriotismo, entre de sentir, ao menos tarde, a piedade de os proteger. Não é esta a altura de discutir esses aspectos do assunto em questão. Destroem-se casas no centro de uma cidade que tem falta delas, e logo numa zona relativamente salubre, deixando as ruas de D. João I, Camões, Liberdade, Caldeirão, Ramada e outras, no mesmo estado de negridão e humidade, como perfeitos focos de doença? Não tenho nada com isso. Continua-se na velha mania de arranjar largos enormes em cidades de um limitadíssimo movimento público, inutilizando-lhe assim o seu caracter arquitetónico, desagregando-a do ambiente social a que se dedicam? Não tenho nada com isso. Sonham-se edificios, levantam-se monstros de pedra, sem que, primeiro que tudo, se exija a planta a architecto diplomado, e este extraia, do corpo geral urbano da cidade, o tipo de construção a levantar, como naturalmente

o exigem os mais vulgares conhecimentos modernos para a realização destes assuntos? Responda quem tem responsabilidade de profissão.

Tudo isso poderia discutir: a necessidade do levantamento dos novos Paços do concelho, da destruição de velhos bairros, da conservação de outros (que são, pelo menos, menos insalubres), a falta de habitações, a conservação dos monumentos, a utilidade de novos largos, a competência do *plantista*, etc., etc. Mas, como sempre fui modesto, modestamente me limito a prêdios que agora, quando se pensa em erguer o novo *Domus*, não fique mais uma vez na role do esquecimento um salão para ser instalado o nosso museu de arqueologia cristã.

E' vergonha dizê-lo: ha cinco anos que, dentro do regimen republicano, as nossas joias de Arte continuam dormindo na sombra. Uma terra como Guimarães, positivamente, não vale pelos seus respeitáveis cavalheiros, nem pelas bonitas amostras de chitas que se exponham ás portadas dos estabelecimentos. Se Guimarães quer visitantes, se quer viver para os rendimentos do turismo, que ainda são hoje uma grande fonte de riqueza para as cidades que tem plena consciência dos interesses da vida moderna, Guimarães, então, tem de limpar e conservar os seus monumentos, expôr as suas joias, enriquecer os seus jardins, cuidar os seus estabelecimentos de hospedagem, franquear os seus meios de comunicação com as termas e cidades visinhas, reformar o tormento das suas calcetarias, inutilizar a fadiga da sua mendicidade, numa palavra: tem de criar consciência do seu estado actual e dos interesses que lhe convêm adquirir.

Nesses, ou entre esses, está o seu museu de Arte Sacra. Se esse museu fôsse uma coisa banal, não seria eu quem gastaria este precioso tempo a pedir para ele, quer na adaptação do velho mas curioso edificio municipal, quer naquêlê que actualmente pensa construir-se, uma instalação que o mostre, tal qual é, como padrão das santissimas

glórias do nome de uma terra tantas vezes mencionada nas páginas da história nacional. Mas o museu vimaranense é de facto alguma coisa, quer sob o ponto de vista da documentação histórica do país, quer ainda como documento do nosso desenvolvimento artístico nacional. Muitos, estou certo, dos humildes e velhos ourives vimaranenses, de tam alta tradição, estão ali representados. Impõe-se, pois, como coisa alguma não poderá impôr-se, a instalação desse museu.

O que pensa a Câmara?

Alfredo Guimarães.

N. da R. — Cumpre aqui fazer uma rectificação a um ponto do criterioso artigo do nosso presado conterrâneo Alfredo Guimarães, e é o seguinte: A Câmara já deliberou pôr o projecto do novo edificio a concurso entre os mais habilitados architectos portugueses, havendo até para isso votado um prêmio que será conferido ao autor da melhor planta apresentada.

ECOS

À tóa

Reparam os monárquicos, com estranhês—só agora!—que eles próprios ainda não tenham programa de partido e de governo. A propósito, diz o «Echos...»:

Com effeito, tempo era de sabermos, e também por nossa vez o perguntamos a quem saiba esclarecer-nos, para onde vamos, a quem obedecemos, o que temos de fazer?

Positivamente as hostes estão desorientadas de todo. Olhem, irmãosinhos: vão para suas casas, esfreguem o umbigo com manteiga— a da cooperativa não é má — e deem-se ao sol!

E' a forma que conhecemos mais pitoresca de se cortarem saudades.

O gran Capitão

Para a «Liberdade», do Porto, Dom Paiva, fiel successor do outro cavaleiro da Triste Figura, é «a primeira figura moral da nossa terra».

Cáspite, com a classificação! Mas não admira o exagêro: já um dia certo jornal cá da terra lhe chamou, entre outras coisas em abono deste guerrilheiro — «uma figura da Idade-média!»

Tanto o erguem na sua simpatia—que até lhe chamam nomes. Bem se vê que a paixão obseca e tira o juízo a quem o tem.

Quem espera...

Todas as semanas o «Echos...» pressurosamente se afoita a ga-

rantir que a República tem os seus dias contados. Por vezes vai mesmo mais longe e quasi fixa o dia, a hora e o momento desse expiar da República.

Se o ex-rei lá no exílio faz anos, prometem-lhe que no aniversário próximo já ele assentará seus reais fundilhos no trôno; se é um novo ano que começa, logo os... maluquinhos se abalançam a profetizar que a «santa monarquia» não deitará o ano fora que não volte.

Tristes patetinhas, que se mostram tam dignos sucessores dos... sebastianistas!

Abandonados à sorte

Os monárquicos, agora, duma vez para sempre, ficarão sabendo que os católicos não os ajudarão a levar água ao seu moinho. Por ocasião da ditadura do General Castro, os monárquicos chegaram a não ter escrúpulos de se servir da taboleta católica para fundar os seus centros partidários, traficância esta que não passou sem o protesto dos que então eram seus aliados. Agora a coisa definiu-se—o que foi uma dos diabos para os monárquicos, visto que estes, sem o escudo de pretensos defensores da Igreja, não podem com uma gata pelo rabo, — «Pobricitos!»

Lembramos

Uma lei de 24 de Novembro último determina as condições em que podem ser formulados pedidos de subsídios para conclusões de edificios destinados a instituições de beneficência. Entre nós existe ai por concluir uma parte do edificio onde se encontra instalado o Asilo de Santa Estefânia. Seria portanto uma lamentável falta que os seus corpos dirigentes não aproveitassem o ensejo estabelecido por essa lei—tanto mais que, podemos garanti-lo, os nossos deputados poriam na obtenção desse subsídio todo o seu valimento e boa vontade.

Para esclarecimento dos interessados damos noutro lugar publicação ao referido diploma.

Luz contribuida

Causa pena que a Associação Commercial não proseguisse no seu protesto relativamente àquêlê vexatório impôsto novo sobre os consumidores de luz electrica. Em verdade não se compreende que a prestante colectividade se fechasse... em copas, só porque tendo protestado há 2 ou 3 anos, o protesto não vingou.

Na representação que então a Associação Commercial dirigiu ao ministro—evolucionista, por sinal,—ficou demonstrado que esse impôsto, a exemplo do que lá fora se usa, era aplicado não sobre o consumidor particular, mas apenas sobre as industrias geradoras da energia eléctrica.

Demais, çapurou-se ao menos

saber se as outras terras do país acataram o impôsto novo?

¿Tam boa politica se podia fazer cuidando um pouquinho destes casos!

O espectro!

E' preciso restaurar a coisa, senão reem ai os outros... e impoem-na à força.

Quem são os outros? E' o estrangeiro.

Sempre assim falou o «patriotismo» das gentes monárquicas. Quando não podem vencer pela força própria, ameaçam que vencerão com a força alheia. Já era assim em antes da Republica. Será, já agora, sempre assim.

Não tem vergonha! A intervenção estrangeira é para os monárquicos como a cólera divina é para os católicos: o papão!

Simplemente nem todos são crianças supersticiosas que se assustem. O «Echos...», desta vez, promete que ela, «a santa monarquia», virá... como condição da paz europea. Que videntes!

E para isso consultaram os espiritos das trevas.

Sampaio «Bruno»

Pensa-se em mandar erigir um mausoléu condigno do grande espirito de José Pereira de Sampaio «Bruno»—o infatigável trabalhador que tanto portouguesa, não só a mentalidade portouguesa, como a Republica. A ideia que pertence ao grupo da «Renascença», é necessário que vingue, para glória do saudoso morto e exemplo dos que vivem.

Nós tinhamos pela pessoa de Sampaio «Bruno» uma enorme consideração, consideração que provinha do facto de conhecermos a superior grandesa e a muita honestidade da sua obra de escritor e de jornalista. Algumas vezes o consultamos como a um Mestre e, tam solícito e generoso ele era, que nunca nos deixou sem o seu valioso parecer, sem a sua cordeal colaboração.

Ainda poucas semanas antes de se apagar, para sempre, a luz da sua fecunda cerebração, nós recebiamos do autor da «Ideia de Deus» algumas palavras de agradecimento e aprêgo pela publicação do nosso modesto trabalho sobre a «Confissão Auricular»—tanto mais que nos seus livros aprendemos o melhor que nesse opusculo se contém.

Aplaudimos, pois, todas as homenagens que sirvam a consagrar e a glorificar um nome que tanto exalçou as letras portuguêsas.

BREVEMENTE

Nas principais livrarias

«GLORIOSAS NAUS..»

(Canto patriótico)

DE

JERÓNIMO DE ALMEIDA

ESCOLAS DA MATERNIDADE

I

Conta o *Matin* que, há uma dezena de anos, a mortalidade das crianças de um dia a dois anos era, em Paris, aproximadamente de 10:000 por ano, descendo, em 1908, a 5:000 no ano. E acrescenta que o facto é devido à escola das mães, popularizada em França por Budin, que procurou curar as crianças ensinando as mães.

Em toda a parte onde a escola das mães foi instituída, a mortalidade das crianças diminuiu notavelmente. O illustre higienista francês Héricourt narra também como a aleitação scientificamente dirigida contribuiu, em algumas localidades, para o robustecimento das crianças que, até aí, corriam imminente perigo (*L'Hygiène Moderne*). A sciencia médica, com seguro espirito de verdadeiro humanitarismo, estuda hoje atentamente o problema da vitalidade infantil. No prefácio duma boa obra, publicada há poucos meses, trabalho colectivo dos professores Marfaud, Andérodias e René Cruchet (*La pratique des maladies des enfants—1—Introduction à la médecine des enfants*, Paris—Baillière et fils, 1909) diz-se: «não há talvez, a esta hora, e em todos os países do mundo, questões que sejam mais actuaes que as que respeitam a infância. A mortalidade terrível dos recém-nascidos e das crianças de peito, sobretudo em Inglaterra, a menor natalidade mais particular a França, o abaixamento do nível moral dos estudantes a que parecem ligados o aumento dos raquíticos e dos viciosos e o crescimento dos suicidas, mais especialmente notado na Alemanha, o desinvolvimento do alcoolismo e da tuberculose infantis, que são um mal geral nos países da Europa, todos estes factos comovem a consciência mais fortemente que outrora e levaram as colectividades e os médicos a procurar activamente as causas e a tentar combatê-las com energia.» A medicina fornece, realmente, um certo número de preceitos, cujo conhecimento se torna essencial a todas as classes, mas principalmente às duas que estão mais afastadas — os ricos e os pobres; uns por causa da fraqueza do sangue, proveniente de várias causas, e da dissolução dos costumes, outros em vista da sua miséria, da tuberculose e do alcoolismo, que os apertam em suas garras.

A maternidade não é um momento isolado na vida da mulher — é fisiológica e socialmente toda a sua vida. É indispensável que assim o tenha em vista ainda solteira, poupando as suas forças, domesticando os seus desejos, ilustrando o seu espirito.

O casamento determina o funcionamento da maternidade, faz que ela desabroche não só no ventre da mulher, mas no seu coração e no seu espirito. A maternidade não fica especialisada num determinado órgão, depende e influi no organismo inteiro da mulher. No casamento, a mulher deve ponderar — essencialmente — a hereditariedade. Que ela se não esqueça destes dois princípios verdadeiros: a vida não é nunca um fenómeno que começa, é um fenómeno que continua (Le Dantec) aumentando o seu património hereditário; sendo a criança uma reprodução, sujeita a hereditariedade, é necessário unir duas saúdes, duas educações e não sómente duas fortunas ou dois títulos; quanto a conveniências é necessário fazer prevalecer as conveniências da saúde, que não tem menos importância que as outras (Cancalon). Este distinto positivista nota com amargura e razão (*L'Hygiène nouvelle dans la famille*): Causa singular! o dogma da hereditariedade

que deve governar cada vez mais o procedimento dos pais no acto mais importante da família... não é desconhecido senão no que respeita à espécie humana.

Quando se trata dalguma espécie de animais preciosos liga-se-lhe a maior importância.

Assim, com os cavalos de raça: «a sua genealogia é cuidadosamente verificada...» Desde os primeiros sintomas de gravidez, a mulher começa a viver para o seu filho. A gravidez tem um regimen próprio, confortante e salutar, relativo não só à hygiene da grávida, mas também do nascituro. Antigamente, o parto era muito perigoso pelas infecções a que estava sujeito. Hoje, a antiseptia venceu o perigo, e a obra da maternidade pode realizar-se nas mais satisfatórias condições de vitalidade. Depois do parto, a mãe carece ainda de saber qual o processo mais vantajoso de aleitação, a direcção — tenaz e fôra de preconceitos — da aleitação: horas, repouso, desinfeção, etc., como vestir as crianças, a melhor forma de as banhar, hygiene da dentição, cuidados a tomar com as doenças infecciosas...

Esta sciencia já está um pouco nos livros. Humanisá-la é arrancá-la dos livros para a realidade de todos os dias. Esta a tarefa das escolas da maternidade. Entre nós, a sua urgência faz-se sentir por maneira indiscutível. Não temos ainda o decrescimento da natalidade por um excessivo propagandismo das teorias neo malthusianas. Todavia, a tuberculose e o alcoolismo, o abandono das crianças à porcaria das vielas, a miséria das classes operárias, os tolos preconceitos que escravizam todas as classes são razões que bastam para salientar a indispensável criação das escolas das mães. Ter um filho não completa a obra da maternidade. A obra da maternidade é crear um filho robusto, são no corpo, no espirito e na moral, belo e honrado. A beleza é a hygiene do corpo; o caracter é a hygiene do espirito.

Eduardo d'Almeida.

N. da R. — O artigo «Enseino Profissional» publicado no número passado também pertence ao sr. dr. Eduardo d'Almeida e só por erro de typografia deixou de vir com o nome do nosso presado colaborador, do que lhe rogamos desculpa.

Subsídios a instituições de assistência

Nos termos do decreto de 24 de Novembro último, foi aberto concurso, por 90 dias, perante a direcção geral da Assistência, para a concessão de subsídios a instituições de assistência privada, legalmente constituídas, que se proponham criar novos institutos, ampliar os de que já disponham com modalidades novas da sua função beneficente ou auxiliar aquêles que, iniciados já, careçam de ser levados a termo.

A entrega dos subsídios só poderá ser feita mediante a prova de que as obras a que elles são destinados se encontram em relativo estado de adiantamento, e poderão ser pagos por uma só vez ou em periodos que serão determinados no acto da concessão.

Os pedidos da concessão de subsídios devem ser dirigidos por intermédio dos governadores civis, que informarão acerca dêles e serão acompanhados: a) do plano da obra em projecto ou em execução e do respectivo orçamento; b) de documentos comprovativos dos meios que as instituições creadas ou a crear disponham, tanto para a realiação do projecto como para seu ulterior funcionamento.

A comissão executiva do Conselho Nacional de Assistência fica reservado o direito de reaver pelos meios legais o subsídio pago, desde que a obra a que sua concessão foi destinada não esteja funcionando decorridos 3 anos sobre a entrega do subsídio.

Jogo monárquico descoberto

A «Liberdade», diário católico, arriscava há dias a seguinte afirmação:

«Lembremo-nos de que para vibrar os seus golpes contra o catolicismo, o sr. Afonso Costa não careceu de inventar armas novas. Bastou-lhe usar as forjadas contra a liberdade da Igreja durante o regimen monárquico, constitucional e absoluto, sobretudo durante o primeiro cuja conduta para com os católicos se resume de um modo geral, na constante e acinofosa violação e deturpação das cláusulas dos pactos concordatários!»

Não tenham dúvida nenhuma os católicos da veracidade desta afirmação. Uma das leis applicada pela República é relativa a 3 de Setembro de 1754. Foi promulgada sob o regimen absoluto, e pela qual os jesuitas foram havidos por desnaturalizados e proscritos e se mandou que efectivamente fôsem expulsos de todo o país e seus domínios «para nêle não mais poderem entrar».

Outra lei applicada pela República tem a data de 28 de Agosto de 1767, igualmente promulgada sob o regimen absoluto, que, «explicando e ampliando» a citada lei de 1759, determinou que os membros da chamada Companhia de Jesus, os jesuitas, fôsem obrigados a sair immediatamente para fora do país e seus domínios.

Ainda outra lei de que se serviu a República é de 28 de Maio de 1834, promulgada sob o regimen monárquico representativo, a qual extinguiu em Portugal, Algarve, ilhas adjacentes e domínios portugueses, todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todas as ordens regulares, fôsse qual fôsse a sua denominação, instituto ou regra.

Julgamos que isto basta para demonstrar que a República não teve senão que pôr em execussão, quanto a jesuitas e quanto a congregações, algumas leis promulgadas pela monarquia, como muito bem diz a «Liberdade», diário católico do Porto.

Preços dos cereais

Os preços dos cereais no último mercado foram os seguintes:

Milho branco, o alqueire	74
» amarelo »	70
» alvo »	96
Centeio, »	80
Feijão branco »	160
» moleiro »	96
» amarelo »	80
» fradinho »	85
Painço »	116
Batatas »	50
Galinhas uma	60
Ovos dúzia	26

"MATER ADMIRABILIS,"

Nesse ano o inverno foi muitíssimo aturado
O ciclone, os trovões, a neve, os aguaceiros,
nas asas do tufão sempre desencadeado,
fizeram trasbordar das águas dos ribeiros.

Grandes inundações, campinas ensopadas
a miséria com todo o seu cortejo e horror,
famílias sem abrigo, árvores arrancadas
— e no alto um céu pesado e sempre ameaçador.

Um dia amanheceu alegremente. Andava
disperso pelo ar não sei que estranho effluvio...
Do azul claro e lavado o sol irradiava,
como o olhar de Elohím nas águas do dilúvio.

Foi nesse dia, ao pôr do sol, naquela hora
tristíssima da tarde em que a alma se comprime,
que eu vi, passeando o olhar pelas campinas fôra,
esta scena imortal, patética e sublime:

Vinham pelo caminho uma vaquita mansa
e atrás, tangendo a cria, um rapasito loiro;
passáram... e era triste a voz dessa criança
naquêl poente ideal, feito de cinzas d'ouro.

Fôram levar a cria ao matadouro; e quando
voltaram junto à ponte, em que o regato é fundo,
a noite lentamente ia desenrolando
o seu crepe estrelado: o azul muito profundo...

A vaca então sentiu que lhe faltava o filho,
começando a correr como que desvairada;
mas debalde buscava o rasto do novilho,
debalde percorria a solitária estrada!

Voltou de novo à ponte. Os olhos coruscantes
revelavam não sei que portentosas máguas...
e, scutando o fragôr do rio alguns instantes,
mugiu sinistramente — e arremessou-se às águas!

António Feijó.

O que é a terra

Eu creio que a terra é um grande monstro vivo, que tem alma, que sente e que pensa, que ri, que chora, que trabalha e que dorme.

No seu vasto e profundo torax de pedra, há um enormissimo coração, latejando e resfolegando como uma força fabulosa de ciclopes, onde o sangue venenoso se deve engolfar tonitroando em catadupas do Niagara, para sair rejuvenescido e resplandecente, em milhares de Amazonas tormentosos, que o espalhem em ondas de vida creadora por todos os labirintos do seu organismo descomunal.

As plantas e as árvores que cobrem grande parte do globo são apenas, em relação a elle, uma insignificante erupção herpética de caracter benigno. O Himalaia é uma borbulha, e o Vesúvio um antraz.

E o homem? Ah! o homem, esse rei da criação, não é mais que um animalzinho invisível, qualquer cousa parecida a um mosquito dividido por cem, pousado sobre um Leviathan multiplicado por mil.

Ora, é claro que num monstro cujo corpo tem cem mil leguas quadradas de superficie, o menor estremecimento, ou

rémito representa para nós um cataclismo pavoroso.

Todas as assombrosas Babeis que a humanidade, ha milhões de anos, tem levantado triunfantemente para o Azul, desde Trebas, Roma, Ninive e Babilonia, até Londres, Paris e New-York, toda essa obra extraordinária de centenas de séculos, poderia a terra desmoronar-la num minuto, de maneira bem simples com um simples ataque de «nervos».

¿E quem sabe se o globo, em vez de morrer, como vaticina a sciencia, de amolecimento de cerebro, não morrerá pelo contrario, na força da vida e da saúde de uma apoplexia fulminante — o terramoto universal?

Enfim, deante das fatalidades horrosas e irremediáveis da natureza, sinto-me feliz por fazer parte do miserável formigueiro humano numa epopeia de solidariedade cosmopolita em que um gemido de dor ou um estampido de catastrophe repercute, dentro de duas horas, pela superficie do mundo inteiro fazendo palpitar generosamente, unanimemente, todos os corações — como os grandes sinos de bronze de todas as torres de uma cidade imensa, dobrando a rebate, num côro titânico, perante um incêndio colossal!

Guerra Junqueira.

Centro Republicano de Guimarães

AVISO

Convida os sócios do Centro Republicano de Guimarães a reunirem-se na sua sede, rua do Dr. Avelino Germano, no dia 9 do corrente, pelas 14 horas, para em Assembleia Geral se elegerem os corpos gerentes do

mesmo para o ano corrente.

Se não se puder efectuar a reunião por falta de comparencia de número legal de socios, realizar-se-há no dia seguinte no mesmo local e ás 21 horas, com os que comparecerem.

Guimarães, 6 de Janeiro de 1916.

O Presidente da Assembleia Geral,

Francisco Moreira Sampaio.

PROGRESSO DA INSTRUÇÃO

Pela fôlha de vulgarização dimanada no Ministério das finanças, sobre o progresso da instrução elementar em Portugal, vê-se no fim de tam interessante estatística o seguinte:

1.º—Pelo estudo do iletrismo dos nubentes vê-se que a instrução elementar na vigência da República tem tido um progresso sensivelmente igual ao dôbro do dos últimos dez anos do regimen de posto.

2.º—Ainda assim esse progresso está longe de corresponder à necessidade de extinguir o analfabetismo dentro duma geração ou seja em 20 a 25 anos.

3.º—Para conseguir esse desideratum é forçoso multiplicar o esforço despendido até agora por seis, pelo menos.

4.º—O regime de descentralização da instrução primária, tudo leva a affirmá-lo, deve manter-se, alargando-se mesmo sucessivamente em todas as capitais do distrito e nos concelhos mais importantes do país.

5.º—Os números mostram que foi na época em que a actual organização entrou em pleno vigor, que a instrução popular mais progrediu.

6.º—Pelo contrário após a reacção que se levantou contra o regime actual da instrução primária, o progresso desta decaiu dum modo muito sensível.

7.º—Tudo leva a crer que a influência das escolas móveis se fêz sentir naquela época de maior prosperidade; com o ataque a estas escolas coincidiu a diminuição do progresso da instrução.

8.º—O estudo aturado dos números permite concluir que, para extinguir o analfabetismo numa geração, é forçoso elevar o número das missões móveis para ensino dos adultos a 1800 pelo menos em toda a metrópole, sendo 1200 para mulheres e 600 para homens.

9.º—As cidades de Lisboa e Porto precisam de tais missões. Em Lisboa deveria haver pelo menos umas 90, sendo 50 para homens e 40 para mulheres; o Porto precisaria de 30, 12 para homens e 18 para mulheres.

Para que a vulgarização dêste assunto fique completa é necessário elaborar mais 21 fôlhas volantes, cada uma das quais conterá os dados referentes a um distrito, dividido nos respectivos concelhos.

Tipografos

Na tipografia Minerva Viçaranesa, á rua de Paio Galvão, admitem-se compositores e um ajudante de impressor, que se achem habilitados.

Sessão magna das classes trabalhadoras— Um manifesto ao público — Romagem ao cemitério — Expressão de votos à «Alvorada.»

Realizou-se há dias no salão da Associação de Classe dos Operários Cortidores e Surradores uma grande reunião das classes trabalhadoras desta cidade e do Pevidem, com o fim de apreciar a solução do conflito grevista nesta última localidade. Depois de usarem da palavra alguns operários, foi feita a leitura dum manifesto destinado ao público, do qual recontamos o seguinte:

- «Sim! Nós protestamos:
 - contra a proibição do direito de reunião, que nos garante a Constituição da República;
 - contra o assassinato do nosso companheiro do Pevidem, que outro crime não cometeu, senão ser solidário com uma reclamação justa;
 - contra o facto da força armada têr feito pontarias baixas logo á primeira descarga e sem o prévio aviso;
 - contra a prisão arbitrária, feita altas horas da madrugada, e dentro do edificio desta Federação, de dois dos seus delegados que ali se encontravam pacificamente em descanso;
 - contra o encerramento arbitrário da mesma Federação e Associações ali instaladas, assim como da Associação do Pevidem;
 - contra a apreensão ilegal de um manifesto, que outra matéria não continha, senão a tradução da nossa dôr pela morte ocorrida e lembrar ao proletariado viçaranesa a promessa da sua solidariedade, votada nas respectivas Associações;
 - contra as prisões que durante os acontecimentos se efectuaram, pelo facto único de os presos, serem grévistas por vontade própria;
 - contra o procedimento da força armada, que pretendeu obrigar a trabalhar quem no seu pleno e legal direito, o não queria fazer;
 - contra o procedimento de alguma imprensa que chegou a aplaudir o encerramento desta Federação e demais violências, mostrando assim a existência de uma parcialidade inadmissível, neste conflito, em que o povo se soube conduzir ordeiramente;
 - contra as intransigências dos industriais que, pela sua atitude, assumiram grande e importante parte de responsabilidade em todos estes acontecimentos;
 - contra todos os que contribuíram directa ou indirectamente, para a gravidade que atingiu este conflito e finalmente:
 - contra tudo o mais que contrário aos brios e dignidade do proletariado em geral, tivesse sido cometido».

Finda esta reunião os operários seguiram em cortejo e com as suas bandeiras em crepes a caminho do cemitério municipal, para ali prestaram homenagem áquelle seu companheiro morto por ocasião da aludida greve. Uma comissão delegada dos

mesmos operários, composta por um membro de cada classe, veio depois á nossa redacção dizer-nos do seu reconhecimento pela atitude assumida por este jornal na apreciação dos acontecimentos relativos á mesma greve. Como pôrêm o seu director estivesse ausente, não pôde a referida comissão desempenhar-se do seu mandato, facto este que tornaram conhecido do mesmo num officio muito honroso para a «Alvorada».

EXPEDIENTE

Estão em cobrança os recibos relativos ao semestre que termina com o número 25. A todos os nossos presados assinantes rogamos o favor de não demorarem o seu pagamento, pois torna-se isso absolutamente necessário para fins convenientes á vida do jornal.

Também devemos rectificar a numeração da «Alvorada», relativa a 16 de Dezembro, que, sendo 14, inadvertidamente, saiu com o n.º 13, e respectivamente os dois números que lhe sucederam, 15 e 16.

Contribuições

Por todo este mês está aberto o cofre da recebedoria deste concelho, para a cobrança voluntária das contribuições abaixo mencionadas:

As contribuições industrial e sumptuária poderão ser pagas, como nos anos anteriores, em duas prestações, sendo a 1.ª em janeiro e a 2.ª em julho.

O prazo para pagamento da contribuição de décima de juros e taxa militar é em Janeiro.

Quanto á contribuição predial, o pagamento pode ser feito em 4 prestações trimestrais, a 1.ª das quais no referido mês de Janeiro e as restantes nos meses de Abril, Julho e Outubro.

E, finalmente, quanto á taxa militar e décima de juros, findo que seja o prazo para pagamento voluntário, cobrar-se-há mais 3 por cento de multa e decorridos que sejam trinta dias depois do encerramento do cofre, cobrar-se-há mais a importância dos juros de móra, na razão de 6 por cento por ano, até integral pagamento.

Teatro D. Afonso Henriques

DOMINGO, 9

Magníficas fitas

...Sr. Director da «Alvorada» Guimarães:

Peço que faça inserir no seu jornal a seguinte

Declaração

João Paulo da Silva, desta cidade declara, que liquidou no dia 30 de Dezembro de 1915 com todos os crédores de seu irmão, Eduardo Paulo da Silva, o débito que o mesmo tinha com os seus crédores, ficando assim saldadas todas as contas do seu referido irmão.

Faz público de que se porventura apparecerem quaisquer documentos que se refiram a essas mesmas contas, as considera, depois desta declaração, sem valor nem efeito.

Guimarães, 31 de Dezembro de 1915.

João Paulo da Silva.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal deste concelho de Guimarães:

Faz saber, para conhecimento de quem interessar, que por espaço de 30 dias, a contar de 7 do próximo mês de Janeiro desde as 10 ás 16 horas, se acha aberto o cofre municipal para a cobrança do imposto municipal directo que constitue receita do ano de 1916 e incide sobre os juros, ordenados e outros rendimentos isentos das contribuições predial, industrial e suntuária.

São prevenidos os interessados de que os conhecimentos do referido imposto, que não forem pagos durante o indicado prazo, serão relaxados afim de ser cobrada a sua importância por meio de execução na conformidade da lei, tendo porisso os respectivos contribuintes de pagar os competentes selos e custas.

E para constar se publica o presente e vão ser afixados outros de igual teor nos lugares mais públicos do concelho. Paços do Concelho de Guimarães, 28 de Dezembro de 1915. E eu José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Regimento de Infantaria n.º 20 Anúncio

O conselho administrativo deste regimento faz público que no dia 20 de Janeiro corrente, pelas doze horas e na sala das sessões, se há de proceder á arrematação em hasta pública, da obra de carpinteiro a fazer no aquartelamento da carreira de tiro de Brito e matérias primas e mão de obra.

As propostas, em papel selado, organizadas conforme o modelo junto ao caderno de encargos, devem ser entregues até áquella hora ao presidente do concelho administrativo, encerradas em envólucro fechado e lacrado e acompanhadas da quantia de 20\$00, como caução provisória.

As demais condições, o caderno de encargo e o regulamento para a formação de contractos em matéria de administração militar acham-se patentes na secretaria dêste concelho em todos os dias úteis desde as 11 ás 15 horas.

Quartel em Guimarães, 4 de Janeiro de 1916.

O Secretário do conselho administrativo,

José Ferreira de Gusmão Souza Fraga.

Tenente de infantaria 20.

Alfaiataria Londres

Praça D. Afonso Henriques, 49

F. Silva Assunção
Alfaiate

Nesta alfaiataria confecciona-se toda a qualidade de fatos para homens e crianças, a feitio, com forros e sem eles.

A MAIS ECONÓMICA,
A MAIS MODERNA
A QUE REUNE
TODOS OS
APERFEIÇOAMENTOS,
A MAIS SOLIDA

1 Volta por vela
5 a 100 velas
110 voltas

1 Volta por vela
10 a 100 velas
220 voltas

1 1/2 Volta por vela
110 e 220 voltas
10 a 6.000 velas

Peçam em toda a parte a lâmpada
“SERENA”





Casa Penhorista Vimaranesa

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da República, 144—GUIMARÃES

OS JESUITAS (1)

O seu catecismo

A *Mónita Secreta* é o catecismo secreto dos Jesuitas, que, interessados nisso, tem negado o texto respectivo.

Este documento foi colleccionado sobre o manuscrito latino proveniente da successão do padre Brothier, último bibliotecário dos jesuitas de Paris antes da revolução, e está conforme a edição de Paderborn de 1661, assim como ao manuscrito autêntico que se encontra nos arquivos do reino da Bélgica, no palácio da justiça de Bruxelas, sob o seguinte título:

Secreta mónita ou avis secrets de la Societé de Jésus (2).

Eis a história deste manuscrito, ao qual falta uma folha, e que está catalogado sob o número 730.

Por ocasião da expulsão dos jesuitas, em 1773, esta ordem possuía nos Países Baixos, entre diversas propriedades importantes, um colégio em Ruremonde, provincia do Limburgo holandês. O governo nomeou uma comissão para tratar da liquidação dos bens da Companhia, e o conselheiro Zuytgens foi enviado especialmente a Ruremonde, a fim de proceder ao inventário.

Sendo, porém, suspeito de pretender, por complacência para com os padres, esconder certos livros, recebeu da Comissão or-

dem expressa para remeter imediatamente e sem excepção todos e quaisquer papeis. Entre elles foi encontrado o manuscrito da *Mónita Secreta*.

A prova de tudo isto acha-se nos arquivos de Bruxelas, no *Protocolo das deliberações do comité estabelecido para tratar dos negócios resultantes da supressão da Sociedade dos Jesuitas, nos Países Baixos*.

A *Mónita Secreta* divide-se em capítulos, dos quais vamos, em resumo, dar as principais instruções:

CAPITULO PRIMEIRO

Para captarem as sympathias dos habitantes da povoação em que pretendem estabelecer-se (os jesuitas) torna-se necessário praticar actos da maior humildade, visitando os pobres, os aflitos, os presos, fazendo-se amar pela pratica de acções caritativas, dando esmolas aos pobres; não adquirir terreno senão a título de empréstimo e extorquir às viúvas ricas as maiores somas, fazendo-lhes ver a sua extrema necessidade.

CAPITULO SEGUNDO

Travar relações com as pessoas principais da povoação e animá-las, mesmo nas suas acções odiosas, para depois se fazerem seus protectores e aliados; captar as graças dos príncipes e dos seus criados, oferecendo a estes pequenas dvidas para conhecerem as inclinações dos amos; descobrir os pensamentos mais secretos das famílias por meio das criadas de quarto.

CAPITULO TERCEIRO

Procurar a protecção dos poderosos, empregando-a contra os inimigos da Companhia e servir-se, em segredo ou tacitamente, dos nomes dos grandes na aquisição de bens temporais.

CAPITULO QUARTO

Não se intrometer nos negócios públicos, metendo porém neles amigos dedicados e poderosos; pesquisar e publicar com prudência as faltas dos outros religiosos, fazendo opposição áqueles que pretendam fundar escolas para instruir a juventude.

CAPITULO QUINTO

Evitar a instalação das escolas estranhas à Companhia, a quem deve ser

exclusivamente confiada a mocidade, fazendo-se crer aos príncipes e aos magistrados, que só o seu ensino evitará a perturbação dos estados.

CAPITULO SEXTO

Escolher, para visitar as viúvas, padres de uma compleição viva e de conversação agradável; afastar as viúvas da vida mundana, modificando prudentemente a direcção da sua casa, fazendo com que pouco a pouco se vão despendendo os seus criados para serem substituídos por outros dedicados à Companhia; aconselhá-las a que se vão confessar amiudadas vezes para irem conhecendo o seu modo de pensar; defender as vantagens do estado de viúvez e mostrar os inconvenientes do casamento, propondo-lhes pretendentes que sabem que as viúvas odeiam, caluniando aquéles que lhes pretendem agradar e impelindo o convívio com os homens.

CAPITULO SÉTIMO

Habituar as viúvas a darem todas as semanas uma esmola para Jesus Cristo, para a Virgem Santa, para outro qualquer santo ou igreja, «até que sejam inteiramente despojadas das primicias e despojos do Egipto», deixando-as entrar no jardim e no colégio, contanto que isso se faça secretamente, permitindo-lhes que se recreiem em segredo com aquéles que mais lhe agradarem.

Se fizerem voto de castidade, que o renovem duas vezes por ano, segundo o nosso hábito, concedendo-lhes nesses dias um recreio honesto com os nossos; tratá-las com meiguice nas confissões e fazer com que elas deixem de visitar as outras igrejas e governar-lhes a casa em segredo. Os confessores deverão guiá-las de forma que paguem ordinariamente penções e tributos anuais às casas preffessas, para que prodigam, especialmente à casa professa de Roma, saldando-lhe as dvidas.

CAPITULO OITAVO

Aconselhar as mães a que recusem nos filhos vestidos luxuosos, mostrando-lhes as dificuldades do casamento e os encantos do celibato, conduzindo-as por forma que façam aborrecer as filhas de viverem com as mães e pensem em se fazerem religiosas, praticando o mesmo com respeito aos filhos.

CAPITULO NONO

Os confessores dos poderosos, dos reis, das viúvas, não devem deixar escapar ocasião alguma de adquirirem bens temporais e recebê-los logo que lhes sejam oferecidos; indagarão dos penitentes o seu nome, a sua família, os seus parentes, os seus amigos e a sua fortuna; informar-se-hão das suas successões, do seu estado, das suas in-

tenções e resoluções; torná-los-hão favoráveis à Companhia, fazendo o mesmo com os burguezes ricos e casados sem filhos, dos quais pode vir a ser herdeira. Quando um confessor encontrar uma penitente de fortuna avisará logo o reitor e procurará por todos os meios captar-lhe as sympathias. Quando um individuo tiver um filho único, deve inspirar-se a este toda a sorte de receios de seus pais, mostrando-lhe quanto seria agradável a Deus o sacrificio de abandonar o lar doméstico, ás ocultas dos pais. Conseguido isto, enviá-lo-hão para um noviciado muito afastado, prevenindo o Geral. Induzir as viúvas e outras personagens importantes a dar toda a sua fortuna à Companhia, reservando-se unicamente o usufruto.

Ter médicos dedicados junto dos enfermos para que sejam chamados nos últimos momentos. Dizer ás mulheres casadas que lastimam a vida desregrada de seus maridos, que podem ceder em segredo algumas somas para expiar os pecados de seus maridos e obter do ceu o seu perdão.

CAPITULO DÉCIMO

Despedir da Companhia qualquer individuo que mostre mais afeição à sua familia do que à Companhia, despedindo igualmente todos os outros que mostrarem escrúpulo em adquirir bens para ela.

CAPITULO DÉCIMO PRIMEIRO

Alcançar daqueles que são despedidos a promessa escrita ou por meio de juramento que jámais dirão ou escreverão coisa que prejudique a Companhia; escrever a todos os colegas, maldizendo os que tiverem de ser despedidos, «exagerando os motivos do seu afastamento»; espiar e tornar público tudo o que apurarem contra elles. Se, porém, não praticarem actos dignos de repreensão, deverão atenuar por meio de discursos tudo o que poderem fazer digno de louvor.

CAPITULO DÉCIMO SEGUNDO

Conservar na Companhia os confessores dos grandes e todos aquéles que conheçam segredos, assim como os velhos que servirão para contar aos superiores as faltas que notarem entre os outros, afim de se evitar a má reputação da Companhia. Igualmente serão conservados os homens ricos «até ao momento em que se resolvam a fazer doação de toda a sua fortuna à Companhia, que não lhes deve recusar coisa alguma, mas logo que a doação seja um facto, começarão a mortificá-los como aos outros».

CAPITULO DÉCIMO TERCEIRO

Escolher os mancebos espirituosos, elegantes, nobres e ricos, rodeá-los de uma particular afeição, mostrando-lhes

quanto a Deus é agradável que lhe consagrem a sua vida com tudo que possuem, ao mesmo tempo que lhes vão oferecendo algumas dádivas e, se não obedecem ao chamamento divino, então amedrontá-los com as penas eternas.

Adverti-los de que não devem participar a sua vocação a nenhum dos seus amigos, nem a seus próprios pais, enquanto não derem entrada na Companhia, separar os filhos de suas famílias, mandando-os para universidades longinquas.

CAPITULO DÉCIMO QUARTO

Afastar da Companhia todo aquêle que alguma vez tenha praticado algum mau acto contra ela, contra a sua honra ou proveito próprio. Se um confessor souber, por pessoas estranhas que se cometeram actos vergonhosos com alguma pessoa da Companhia, não deve absolvê-las sem que primeiro digam o nome daquêle com quem pecaram e, dizendo-o, fazê-las jurar que nunca o dirão a ninguém, sem que a Companhia lho consinta. Se dois jesuitas tiverem pecado, por obras, contra a castidade, aquêle que o declarar primeiramente será conservado na Companhia, sendo o outro expulso. Maltratar todo aquêle que se tenha em vista expulsar, collocando-o sob as vistas de superiores severos, que o afastem de funções honrosas até que comece a murmurar; caluniá-lo, censurá-lo, dar-lhe rudes castigos, humilhá-lo em público, apresentando-o como um individuo pernicioso à Companhia.

CAPITULO DÉCIMO QUINTO

Procurar as confissões das religiosas, pois que as abadesas ricas e nobres, podem servir de grande auxilio à Companhia, tanto por si como por seus amigos e parentes.

CAPITULO DÉCIMO SEXTO

Para não serem acusados de ter amor ás riquezas, deverão recusar as ofertas de pouca importância; não dar sepultura nas igrejas a pessoas obscuras; proceder com rigor para com as viúvas que já tiverem dado todos os seus bens à Companhia, procedendo de igual modo com as pessoas que estão na Companhia e lhe doaram todos os seus haveres.

CAPITULO DÉCIMO SÉTIMO

Manter secretamente e com a máxima prudência, as inimizades dos grandes entre si, arruinando inclusive o seu poder; excitar a guerra entre todos os principes amigos da Companhia, para que o concurso desta seja pedido por toda a parte, empregando-a na reconciliação publica como causa do bem comum, afim de ser recompensada com altos beneficios e dignidades.

Confeitaria Parisiense

— DE —

DOMINGOS VINAGREIRO & F.^{OS}

Grande e variado sortido em pasteis.	Especialidade em café à chavena da conhecida marca "A Brasileira,"	Bombons e rebuçados de todas as qualidades
Variedade em doces.		Massas e farinhas alimentícias.
Especialidade em doce de ovos.	Serviço e chá	Chá café chocolates e cacau.
Vinhos de mesa, finos e espumosos.	Manteiga da Cooperativa Vimaranesa	Mercearia de primeira qualidade.
Champagnes, Cognacs e licores.		Especialidade em queijo da Serra.
Bolachas Nacionais e Estrangeiras	Lunch's Sandwichts	
das principais fábricas.		

Executam-se encomendas para Casamentos, Baptisados e Soirées.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Ano	1\$200 rs.
Semestre	600 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "
Número avulso	30 "

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão

(1) Estudo escrito por A. Andrei, em seguida à revolução de 1870 e numa ocasião em que os Jesuitas mais trabalhavam para fazer da França o seu *Albergue*.

(2) Nota do tradutor: «O dr. Melo de Moraes, afirma na sua *Corografia Histórica do Imperio do Brasil*, que na biblioteca do Rio de Janeiro existe um autógrafo da *Mónita Secreta*, que o padre Frei Caminho do Monte diz ter sido encontrado no colégio dos padres da Companhia, em Lisboa, no ano de 1759».